

Artigo

A GESTÃO DA CARREIRA ESPORTIVA: UMA HISTÓRIA A SER CONTADA NO FUTEBOL BRASILEIRO

Palavras-chaves: carreira esportiva; carreira no futebol.

Luciana Ferreira ANGELO

Katia RUBIO

Escola de Educação Física e Esporte- USP

Introdução

O Brasil tem como um dos principais “produtos de exportação” os jogadores de futebol – em torno de oitocentos jogadores profissionais deixam o país ao ano – e mesmo assim mantém uma dezena de times com capacidade de competir não só em campeonatos nacionais como internacionais. Atualmente, esta situação tem tido sua lógica minimamente invertida quando da valorização da moeda nacional (real) frente a outras divisas.*

Este fato poderia ser interpretado como um sinal de superioridade em relação aos centros de formação futebolistas, mas na realidade, a nem sempre conhecida trajetória destes jogadores que se tornaram profissionais evidencia uma preparação qualitativa dos jovens para os desafios da profissão e, muito menos para os prováveis insucessos.

Segundo Damo (2007), no Brasil são gastas em torno de 5.000 horas de treinamento em um período de 10 anos focando o aprendizado corporal e quase nada no aprendizado intelectual. A quantidade de horas sugere três fases no processo de formação de um atleta de futebol: endógeno (o clube promove os jogadores vindos das categorias de base estimulando a economia e os vínculos de identidade clube/atleta), exógeno (empresas mentoras do projeto que forma os “pés de obra” lucrando com a venda dos passes) e híbrido (conciliando a formação afetiva das “pratas da casa” com a produção do mercado).

Considerando o processo de formação e avaliando o mercado de trabalho existente para os atletas profissionais da modalidade, não é possível encontrar inúmeras opções para efetivar a prática profissional. Assim, sem a expansão do mercado e com a presença das grandes torcidas vinculadas ao futebol espetáculo, o autor aponta que o clubismo (identificação com o clube e não necessariamente com o jogador) pode ser um fator limitante para a profissionalização dos atletas estimulando a circulação e vazão dos

talentos esportivos no mercado exterior que vive também este processo de estagnação diminuindo a oportunidade e aumentando a competitividade.

No início da carreira esportiva a criança ou jovem carrega não apenas o desejo de uma prática que envolve prazer e esforço, mas também o referencial de outros que, antes deles, criaram uma imagem gloriosa de si mesmos por meio do êxito em competições. A carreira deixa registrada no imaginário do qual o atleta pertence marcas que servirão de exemplo a muitas outras gerações. E da mesma forma que os anos vitoriosos se perpetuam na memória social os passos seguidos adiante também acompanham os novos rumos adotados pelo atleta ao finalizar sua trajetória competitiva.

Se a prática esportiva promove o desenvolvimento da identidade atlética, o final da sua carreira representará a necessidade de mudança de um papel social, construído desde a infância, para o desenvolvimento de uma nova identidade. Assim como o processo de formação, a transição para um novo papel social também se dá como processo, o que demanda do sujeito tempo e recursos emocionais e materiais para sua concretização (Rubio, 2012).

O termo identidade nesta concepção sociológica preenche o espaço entre o mundo “interior” e “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de projetarmos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam (Hall, 2001, p.11).

A partir desta concepção de identidade, entende-se que a construção da identidade atlética passa pela construção do próprio eu e da autoafirmação que dá ao sujeito consciência de si e um lugar no mundo. A identificação faz com que o indivíduo não só se aproprie, mas se torne parte daquilo ao qual está identificado. Em contrapartida, deixar de ser atleta representaria o que Hall (2001) entende como um momento de ruptura ou de descentração do sujeito. Modificam-se as primeiras concepções acerca de si mesmo, de crenças, valores e conceitos, configurando o que o autor vai entender por crise de identidade, ou seja, quando aquilo que acreditamos ser fixo e inflexível, passa a se fragmentar e perder sua preponderância central. Para Hall (2001) esta crise de identidade é parte de um processo maior de transformação que

desestrutura bases e princípios sociais que ofereciam certa solidez no mundo, mas o que o submete a novas possibilidades.

Considerando que na sociedade brasileira o futebol surge como caminho para ascensão social, este artigo propõe discutir a partir da história de vida de quatro atletas olímpicos brasileiros, do sexo masculino, a concepção de carreira e suas fases de transição como fatores constituintes da carreira atlética, bem como situações e fatores que os levaram ou os levarão à finalização das mesmas assumindo que o próprio trabalhador poder ser produzido como uma mercadoria que nem sempre tem um valor reconhecido pelo mercado, podendo ser descartado a qualquer momento no meio do percurso.

Ressaltamos que este trabalho faz parte da pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, pesquisa sobre a história de vida de todos os atletas brasileiros que já participaram de Jogos Olímpicos.

Método

Nesta pesquisa foi utilizada a metodologia de História de vida, que de acordo com Meihy e Holanda (2007, p.21) se constituiu dos procedimentos de registro de narrativas colhidas em entrevistas mediante instrumentos eletrônicos – no caso, câmera de vídeo e o uso de tecnologias virtuais como skype – com fins a dar corpo ao processo histórico ou sociocultural a ser analisado. A rede comunitária a qual o trabalho destinou análise é constituída por experiência(s) de finalização da carreira esportiva ou o processo para a mesma de um grupo que obteve sucesso no futebol, ao mesmo tempo em que viveu sob o regime de amadorismo da prática esportiva. Recordando que estes atletas foram entrevistados por terem participado de Jogos Olímpicos fazendo parte do projeto de pesquisa “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”.

Esta metodologia se torna adequada por permitir recuperar experiências que apesar de não trazerem do fato sua veracidade propriamente dita, contribui para a compreensão das identidades culturais, de onde provém o pensamento (Rubio, 2006). Inserido em dado contexto, o sujeito torna-se parte integrante do próprio processo de construção da história, ou seja, uma extensão dela, podendo fornecer indícios de como a cultura incide sob a correspondência às experiências pessoais. Ou como Bosi (1994) e Pollak (1989) reforçam, esta tradição metodológica possibilita considerar experiências e observações empíricas como possíveis pontos de referência e indicadores de uma memória coletiva específica, sustentadoras de identidades culturais.

O convite “Me conte a sua história de vida” apresenta uma metodologia qualitativa, de caráter aberto e parte de uma questão essencial que visa considerar o dinamismo da memória e a necessidade de tratamento subjetivo para emergir a construção narrativa. A existência da história oral depende da intervenção de um entrevistador que promove uma provocação para acessar a memória coletando uma versão das histórias gravadas. O resultado deve ser entendido como um ponto de intersecção entre duas subjetividades – a do atleta ou ex-atleta e a do pesquisador, as visões culturais de ambos, as memórias do entrevistado e as indagações do entrevistador, as percepções do narrador e do pesquisador, entre outros (Rubio, 2001; 2004; 2006; 2011).

A História de vida são relatos construídos por pessoas dentro da situação da entrevista. Portanto, é necessário contextualizar como as entrevistas foram conduzidas; as circunstâncias e restrições que as moldaram; o papel do entrevistador naquilo que foi, afinal de contas, um diálogo, não um monólogo. A partir da interação estabelecida entre entrevistador e narrador, o universo ao qual o sujeito pertence passa a ser acessado; histórias de vida são tecidas apresentando a História do Esporte Brasileiro, contextualizando eventos, personagens, enredos.

As entrevistas foram realizadas em locais escolhidos pelos convidados, prevendo local reservado (presencial ou virtual) de forma a preservar integridade do sujeito, bem como a do entrevistador e a qualidade da entrevista. O tempo da entrevista também foi determinado pelo sujeito, de acordo com a disposição do mesmo e do consentimento prévio mediante termo de responsabilidade, formalizador da entrevista, o qual esclarece os procedimentos de pesquisa, bem como do destino dos dados fornecidos.

Em posse das narrativas biográficas, as mesmas foram transcritas pelo pesquisador em forma textual de maneira a respeitar todos os detalhes e idiosincrasias contidas nas falas. Escutando o que foi dito e, prestando atenção nas repetições, ênfases, silêncios, lapsos, hesitações, rupturas do discurso e aspectos selecionados pelos narradores, após a releitura dos textos, como parte do exercício de sua interpretação do conteúdo, os dados brutos foram submetidos à análise de perspectiva sociocultural e transcrição. Segundo Meihy e Holanda (2007), a transcrição diz respeito ao processo de reelaboração do discurso, visando preservar sua essência, porém, conferindo-lhe roupagem complementar, de maneira a melhor nos aproximar do real significado do que se quis transmitir. Este último procedimento metodológico busca contribuir com a

consolidação de uma cultura de memória e atentar para a responsabilidade do retorno social da pesquisa.

Contar uma história de vida envolve uma racionalização do passado conforme ele é projetado e levado a um presente inevitável. E de fato, as fronteiras e limites da memória e suas narrativas apresentam uma versão especial da história de vida de alguém, podendo tornar-se um componente essencial do senso de identidade em um dado momento. Do imenso contexto de memórias e reações possíveis evocadas pela situação de entrevista, o entrevistado seleciona e organiza certos temas, episódios e lembranças então comunicados de maneira particular. Estudiosos apontam que a memória em si é gerada e estruturada de maneira específica em função da oportunidade de contar uma história de vida e das circunstâncias em que isso acontece. Em outro momento da vida, ou diante de outro interlocutor, é provável que surja uma história diferente, com diferentes ênfases (Patai, 2010, p.30).

Considerou-se neste trabalho a versão dos fatos, o momento onde o convite ao passado reconstitui (busca fragmentos que compõem a reconstrução) e reconstrói (organiza a memória) o conhecimento, pois além de refletir experiências vividas ativamente pelo sujeito, o atleta ocupa no mundo contemporâneo espaço que transcende o aspecto objetivo outrora atribuído, ou seja, é uma instituição em constante processo de ressignificação (Rubio, 2001). Diferentemente de muitas outras áreas de relações e atuação do indivíduo, o esporte é um contexto que propicia, principalmente ao protagonista, as experiências afetivas e emocionais em graus elevados, que marcam primeiramente seu corpo e podem dar à memória um conteúdo ainda mais humano.

No texto estão apresentados trechos das entrevistas realizadas com quatro atletas que foram selecionados a partir dos relatos sobre suas trajetórias profissionais apontando fatos de representação das fases amadora e profissional que vivenciaram como atletas de futebol. As entrevistas foram realizadas por diferentes pesquisadores do GEO (Grupo de Estudos Olímpicos), da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo.

Resultados

A cronologia do esporte moderno auxilia o entendimento da estrutura de negócios vigente que interfere diretamente na gestão da carreira esportiva.

O esporte moderno surgiu no final do século XIX, como produto das transformações pelas quais passava a sociedade inglesa. Originalmente concebido como

uma prática aristocrática, tido como uma atividade de ócio e um meio de educação social dos filhos de classes sociais não trabalhadoras. Esse fenômeno sofreu transformações quando da apropriação pelas demais classes sociais, resultando na sua massificação e popularização.

A estrutura do esporte na sociedade inglesa era estratificada, classificando de diferentes formas seus praticantes. Existia o esporte praticado por profissionais, como era o caso do boxe e das corridas a pé, o esporte escolar praticado nas universidades e *Public Schools*, e o esporte amador praticado basicamente pela aristocracia que dominava a direção das instituições esportivas, base para a constituição do Movimento Olímpico (Lê Floç'Moan, 1969).

Segundo Toohey & Veal (2007), o amadorismo foi uma construção do século XIX, que tinha por função servir aos ideais da nobreza proclamados pela Era Vitoriana. A proposta original do amadorismo no esporte era não apenas distinguir, mas principalmente, separar os chamados *gentlemen amateur* dos trabalhadores de todas as categorias. O que fundamentou esta divisão foi a crescente participação da classe média e trabalhadora nas atividades esportivas e de lazer em geral, consideradas, a priori, privilégios da aristocracia.

O entendimento dessa dinâmica é fundamental para a compreensão da defesa do amadorismo ao longo de mais da metade do século XX. Hobsbawn & Ranger (1997) apontam a importância que o esporte teve para a classe operária por ampliar a visibilidade social e questionar a sociedade classista.

Elias e Dunning (1992) citam que a competitividade da sociedade contemporânea levou a um inevitável abandono das atividades tidas como amadoras, que na essência do termo seriam aquelas feitas por amor, em detrimento das ações especializadas, passíveis de serem desenvolvidas dentro de uma estrutura profissional que leva à especialidade máxima, e isso não ocorreria somente com o esporte. Assim, o amadorismo foi, no passado, considerado uma virtude humana e condição *sine qua non* para qualquer atleta olímpico. Mas, mais do que um valor ético essa imposição era um qualificador pessoal e social dos atletas que se dispunham a seguir a carreira esportiva (Rubio, 2003).

Da forma como se estruturou, o Esporte Moderno apresenta os mesmos valores da sociedade capitalista, como a necessidade de mensuração dos resultados, a competitividade e a seriedade (Elias e Dunning, 1992). Segundo Ardoino e Brohm (1995), a partir da necessidade de quantificar a *performance* surge a tecnologia corporal,

a regulação burocrática, as competições, a espetacularização e a mercadorização das práticas esportivas. E para que se dê sustentação a essa estrutura, o sistema hierárquico é criado para gerir o mundo do esporte: COI (Comitê Olímpico Internacional) que controla os esportes olímpicos e a FIFA (Federação Internacional de Futebol) que controla especificamente tudo o que se refere ao futebol (Giglio, 2013).

A profissionalização alterou a organização esportiva, tanto do ponto de vista profissional quanto institucional. O esporte se tornou carreira profissional cobiçada, um meio de ascensão social e uma opção de vida. A competição atlética ganhou visibilidade e complexidade ao se tornar espetáculo esportivo e produto da indústria cultural. (Giglio, 2013).

No Brasil, o amadorismo seguiu proximamente o modelo desenvolvido no mundo. O que se observa ao longo da primeira metade do século XX é que o esporte praticado de forma amadora gerou uma representação social de atleta que variava do sujeito excêntrico, caso pertencesse à aristocracia, ou vagabundo, caso a sua origem fosse relacionada às classes populares. A via alternativa para esses dois modelos eram os militares, que por força do ofício eram obrigados a praticar esporte, o que levou muito deles a chegarem aos Jogos Olímpicos. A profissionalização era tão inevitável quanto a competição é para o esporte (Rubio, 2005).

O esporte é entendido por Guttmann (1978) como uma forma genuína de adaptação à vida moderna e pode ser entendido como um tipo de trabalho disfarçado e desmoralizante. Apresenta características como disciplina, autoridade, iniciativa, perfeição, destreza, racionalidade, organização e burocracia, provas do mimetismo e da dependência existentes entre o esporte e o capitalismo industrial.

No futebol, o profissionalismo tem seu registro datado de 1885, sendo que na Inglaterra, no ano seguinte, foi criada a *International Football Association Board*, entidade cujo principal objetivo era estabelecer e mudar as regras do futebol quando necessário e garantir a uniformização e o controle (Franco Junior, 2007; Toledo, 2002).

Segundo Giglio (2013) com a estruturação das regras, uma nova condição se solidifica no campo esportivo: as competições internacionais. As seleções nacionais representavam um confronto entre nações, e foi isso o que se observou na primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos, em Atenas, Grécia, o futebol foi o segundo esporte coletivo a participar como esporte de exibição. E foi na quarta edição dos Jogos Olímpicos de Londres, Reino Unido, que o futebol participa como esporte de competição. Vale ressaltar que pela amplitude dos Jogos, as disputas olímpicas valiam

como campeonatos mundiais até 1930, quando foi realizada no Uruguai a primeira Copa do Mundo (Franco Junior, 2007).

Com a amplitude de fronteiras, aumento de público e número de eventos relacionados à modalidade, as federações perceberam que administrar o jogo significava mantê-lo sob o controle e divulgá-lo, e que os custos disso implicavam sem estratégias de gerenciamento para a sua manutenção. A mercantilização do futebol fez com que a modalidade passasse de status de esporte para a condição de serviço ou bem comercial, pois já se apresentava como atividade lucrativa (Pereira, 2008).

Se verificarmos a estrutura hierarquizada, a FIFA possui domínio total em relação ao futebol profissional, sendo que não existe futebol profissional fora do sistema FIFA (Damo, 2006). Diante desta estrutura que coloca os jogadores como base dessa hierarquia, Damo (2008) desenvolve o argumento sobre a necessidade de entendimento dos jogadores a partir de seu duplo estatuto, o de pessoa e mercadoria. Giglio (artigo) aponta que segundo o conceito de comodificação desenvolvido por Giullianotti (2007, p.13), o jogador que tiver a sua força de trabalho corporal reconhecida no meio futebolístico aumenta as chances de transformar seu saber corporal em maior rendimento financeiro. Porém, o mercado do futebol tem pouca mobilidade dos atletas para clubes de diferentes divisões. Esse valor de uso, que atesta quanto vale cada atleta, só será materializado quando são consumidos (vendidos). Caso contrário, o jogador poderá ter o seu valor fixado, mas se não for negociado o valor estipulado nada vale.

No Brasil, o futebol tem sua origem datada em final de 1800, tendo uma partida mítica entre marinheiros ingleses no Rio de Janeiro - 1870 (Franco Junior, 2007), partidas em São Paulo – 1895, organização de jogos entre paulistas e cariocas – 1901 e as primeiras competições oficiais ocorrendo em 1914. Porém, até o início da década de 30, a organização da modalidade no Brasil possuía um “ethos amador” (Elias e Dunning, 1992), ou seja, era mais uma forma de divertimento e prazer do que um fim em si mesmo.

Nesta época, patrocinados pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1936) e a aprovação da Consolidação das Leis do Trabalho de 1º. de Maio de 1943 (CLT), a profissão de jogador de futebol foi regulamentada e a democratização se inicia com a contratação de jogadores sem restrição social ou étnica. Mas foi na década de 70 que a modernização advinda com a construção dos centros de treinamento e profissionalização do futebol, passou a reconhecer a profissão como fonte de renda vantajosa para todos os agentes envolvidos com a modalidade (jogadores, treinadores,

dirigentes e políticos) e a atividade tornou-se veículo de marketing e representação ideológica (Franco Junior, 2007).

A década de 90 foi para o Brasil importante; a intensa mobilização jurídica estabeleceu regras e leis para a formatação do que hoje chamamos de Sistema Nacional do Desporto. A Lei Zico (no. 8.672/93) pôs fim a tutela do Estado ao esporte, pautando a autonomia das entidades esportivas. Sem muitos avanços, foi promulgada em 1998, a Lei Pelé (no. 9.615/98) que corroborou para o futebol e suas prerrogativas deixando as discussões sobre a estrutura esportiva relegadas a segundo plano. E a partir da Lei Pelé, novas leis foram elaboradas tendo o futebol como modelo a ser seguido como modalidade profissionalizada.

Discussão

Profissão: atleta profissional de futebol. No Brasil, apesar de regulamentada pela CLT na década de 70, e em 1982 fazer parte da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO, p.38) os relatos de dos entrevistados selecionados para este trabalho apresentam diferentes realidades vividas.

Para exemplificar a fase de amadorismo nacional, A.M. nascido em 1947, revelou sua trajetória onde aos 16 anos de idade jogava no infantil do Corinthians (SP); progrediu nas categorias de base do clube, chegando até seleção juvenil paulista; foi convidado para participar dos Jogos Olímpicos de 1968, no México.

Nesta ocasião o Brasil enviou a seleção ao México sem nenhuma estrutura. Não havia médico, roupeiro ou qualquer tipo de apoio. Apesar de o time ser “badalado”, as condições de transporte e manutenção eram praticamente inexistentes.

Este fato assemelha-se ao relato de A.S., atleta que em fase de finalização de carreira e que foi aos Jogos Olímpicos de Sydney em 2000. Sua narrativa aponta que a preparação para os jogos foi boa na fase da conquista para a vaga olímpica, mas que posteriormente, na fase da pré-competição, por fatores relacionados a dificuldades com planejamento, organização e dúvidas quanto convocar ou não jogadores mais experientes, a seleção foi prejudicada e treinou por duas vezes com uma mesma seleção latino-americana agregando pouco valor aos resultados obtidos.

Coincidência, os dois atletas relatam que após os jogos, no retorno aos seus times de origem, o que vivenciam é uma desvalorização. A.M. é dispensado tendo que peregrinar por times de menor expressão para que se possa manter na carreira esportiva e A.S., durante sua participação nos jogos foi negociado com clube italiano que não o

cumpriu com o contrato, fazendo com que o jogador retornasse ao Brasil em busca de recolocação no mercado esportivo.

A palavra trabalho tem sua origem na idéia do trabalho escravo, pois o homem livre não trabalha, pensa. O sentido do trabalho é um conceito complexo que sofreu transformações ao longo do último século, particularmente em função das mudanças tecnológicas observadas na era pós-industrial. Para o atleta de futebol, o trabalho no contexto esportivo é apenas mais um dentre tanto outros. Por isso, para A.M. que tem sua vida de trabalho limitada pelo campo de atuação, não sobrevive ao amadorismo existente na sua época e passa a buscar o desempenho de outra atividade profissional para sobreviver e desempenhar outros papéis sociais (marido, pai, comerciante, entre outros). Já A.S. que não vive a fase do amadorismo, mas sim a fase da espetacularização na modalidade (Damo, 2007) passa a viver as leis de oferta e da procura no mercado também em busca da continuidade do seu trabalho.

Os valores e normas impostos pelo modelo atual de organização e gestão dos clubes esportivos entram em tensão com elementos centrais da cultura esportiva e das tradições profissionais. Isso é dado na narrativa de M.P., atleta que participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. Conta que desde a sua infância seu desejo era ser ídolo, ser reconhecido pela torcida e pelo clube que jogava. Ao passar os primeiros 15 anos de sua carreira no mesmo clube, vivenciou as agruras do processo de formação da identidade do ser atleta, gerenciando estudo, trabalho e carreira esportiva. Seu projeto de vida era ser um atleta que teria conhecimento para embasar as suas opiniões, e por isso é um dos poucos que finalizou curso superior e uma especialização. Este caminho o levou a cuidar dos processos de identidade de atletas mais jovens ao mesmo tempo em que acreditando no seu planejamento para o futuro, construiu uma carreira em que o trabalho como atleta profissional de futebol alicerçou o papel de gestor esportivo que desenvolve atualmente.

O também atleta E.M., que foi aos Jogos Olímpicos em 1976, em Montreal narra a sua história de vida enaltecendo a importância da família que o apoiou na carreira esportiva e nos estudos; é formado em administração de empresas e hoje exerce a função de técnico de futebol. Com conquistas no clube e com a identidade de um time vencedor, a convocação para as seleções brasileiras de base e profissional era consequência de progresso e sucesso na carreira. Nos jogos, a seleção Brasileira era uma equipe reconhecida como a única equipe amadora tendo, por exemplo, as equipes da Polônia e da Rússia representando estes países na Copa do Mundo. Este fato fazia

com que a seleção fosse cobrada pelos resultados que obtivera em competições anteriores, ao mesmo tempo em que eram consideradas as diferenças de nível técnico e a proteção dos dirigentes; na época, a política nacional da ditadura militar de certa forma poupava os atletas que eram profissionais em seus clubes, mas “soldados amadores” na competição.

As contradições vividas pelos atletas profissionais apresentam as relações de poder em um campo de forças caracterizado pela alta capacidade de quem domina para induzir quem está dominado a locomover-se até a meta ordenada. O que faz a diferença na trajetória de cada um desses atores é a obra, a obra esportiva criada a partir do processo de identidade.

Conclusão

São muitas as fases da vida de um indivíduo em que as angustias surgem em processos de tomada de decisão. Uma delas é a escolha profissional que faz parte da juventude, tendo principal característica o aspecto da transição. Se iniciamos a vida profissional na juventude conhecendo o mundo do trabalho, a carreira, atualmente é um constructo teórico-prático que alcança além dos limites institucionais, as diversas dimensões da vida; a profissional é uma delas e a carreira é constituída na sua relação com o cotidiano.

Assim, as teorias de desenvolvimento e gestão de carreira procuram contribuir para ajudar o indivíduo a ser agente interpretativo das suas próprias necessidades, a ser capaz de planejar a sua própria vida e encarar o papel de trabalhador inserido numa constelação de outros papéis, percebendo que a carreira é individual e compreendendo o seu passado, de forma a delinear o futuro (Super, 1957). Nos exemplos dos atletas citados neste trabalho, observamos que nenhum deles teve contado com algum agente que pudesse intervir no aconselhamento da carreira, mas sim, quando não incentivado pela família na busca do estudo (A.M. e A.S.), foi esta que desde a origem gerou os caminhos possíveis para a gestão da carreira esportiva do atleta (M.P. e E. M.).

Assim, através das narrativas dos 04 atletas entrevistados, observamos que as décadas de 60, 70, 90 e 00 revelam significados da carreira esportiva no futebol com semelhanças em suas concepções culturais e diferenças nas estruturas sociais reguladas pelas leis do mercado esportivo. Porém, os projetos individuais são estruturados na construção de temas de vida (estudo, conhecimento, planejamento, sobrevivência, entre

outros) que autoorganizam a personalidade e o autoprogresso na adaptação à carreira, moldando o ajustamento vocacional.

Se a carreira atlética é composta por no mínimo três fases: iniciação, competição e aposentadoria e até pouco tempo era considerada pelas ciências da gestão como *não-carreira* (Martini, 2012), é por ser assunto de tão pouco interesse, a necessidade de desenvolver o tema nas instituições ligadas ao âmbito esportivo criando a importância do mesmo nas discussões dos grupos de atletas profissionais.

Notas

* O ESTADO DE SÃO PAULO. Força do real ajuda a reverter exportação de jogadores brasileiros, diz “Financial Times”. Acesso em: 27 maio 2012. <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,forca-do-real-ajuda-a-reverter-exportacao-de-jogadores-brasileiros-diz-ft,746336,0.htm>
http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/07/110718_jogadores_brasil_financial_ti_mes_rw.shtml. Acesso em: 05 jan 2013

** Ministério do Trabalho e Emprego. Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). Portal do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf> >. Acesso em 25 Fev. 2013

Referências

- BOSI, E. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- DAMO, A. S. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Campinas, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.
- _____. **Do dom à profissão. A formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed.; Anpocs, 2007.
- _____. O ethos capitalista e o espírito das copas. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni L. (orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niteroi: Intertexto, 2006.
- ELIAS, N.; DUNNING, J. **A busca da excitação**. Lisboa: Diefel, 1992.
- FRANCO JUNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GIGLIO, S.S.; RUBIO, K. Futebol profissional: o mercado e as práticas de liberdade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**, 27 (3), 387-400, 2013.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUTTMANN, A. **From ritual to record**. New York: Columbia University Press, 1978

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HOBSBAWM, E. J. ; RANGER, T. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBSBAWM, E. J. ; RANGER, T. **A invenção das tradições**. 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LÊ FLOC'MOAN, J. **La génesis de los deportes**. Barcelona: Labor, 1969

MARTINI, L. Transições de carreira e suas implicações no esporte. In: RUBIO, K. (org). **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p. 15-46.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PATAI, D. **História oral, feminismo e política**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PEREIRA, A. B. **A construção social do tipo “jogador de futebol profissional”: um estudo sobre os repertórios usados por jogadores de distintas categorias etárias e por integrantes de suas matrizes**. 2008. 196 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social)- Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

POLLACK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RUBIO, K. **Destreinamento e transição de carreira no esporte**. (org.) RUBIO, K. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

_____. (org.) **As mulheres e o esporte olímpico brasileiro**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

_____. **Medalhistas olímpicos brasileiros: histórias, memórias e imaginário**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006 (a).

_____. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Psicologia & Sociedade**; 18, 1, 86-91; jan/abr. 2006 (b).

_____. Os jogos olímpicos e a transformação das cidades: os custos sociais de um megaevento. **Scripta Nova- Revista eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v.9, n.194, 2005. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-194-85.htm>

_____. **Heróis olímpicos brasileiros.** São Paulo: Zouk, 2004.

_____. The professionalism legacy; the impact of amadorism transformation among brasilian olympic medalists. In: MORAGUAS, M.; KENNET, C.; PUIG, N. (eds) The legacy of the Olympic Games 1984 – 2000. Barcelona/ Lausanne: Olympic Studies Centre of the Autonomous University of Barcelona| Olympic Studies Centre of the International Olympic Committee, 2003.

_____. **O mito do herói atleta: o imaginário esportivo contemporâneo.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SUPER, D.E. **The psychology of careers.** An introduction to vocational development. New York: Harper & Row Publishers, 1957.

TOLEDO, L. H. **Lógicas no futebol.** São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TOOHEY, K.; VEAL, A. J. **The Olympic Games: a social science perspective.** Oxfordshire/Cambridge: CABI, 2007.

WALSH, A.; GIULIANOTTI, R. Ethics, Money and Sport. This sporting mammon. In: McNAMEE, M.; PARRY, J. **Ethics and Sport.** London: Routledge, 2007.